

Uma *Trilobitenperle* de vidro negro de Cômoros da Portela (São Bartolomeu de Messines, Silves)

*UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Fundação para a Ciência e Tecnologia

Francisco B. Gomes*
franciscojbgomes@gmail.com

Resumo Entre os materiais recolhidos por S. Estácio da Veiga na área da necrópole da I Idade do Ferro de Cômoros da Portela (São Bartolomeu de Messines, Silves), cuja destruição parece ter coincidido no tempo com os trabalhos daquele autor no Algarve, inclui-se uma conta de vidro de aparência negra que não dispõe de paralelos no repertório dos objetos vítreos sidéricos. As suas características técnicas, formais e decorativas permitem pelo contrário integrá-la no grupo das chamadas *Trilobitenperlen*, próprias já de época tardo-romana, e particularmente do século IV d.C. A presença deste elemento na área de Cômoros da Portela levanta a possibilidade de que o sítio tenha conhecido uma reocupação tardia, até aqui não documentada. A natureza dessa ocupação não se pode precisar, mas não parece de excluir um uso igualmente de natureza funerária desta área durante o Baixo Império.

Abstract Among the material retrieved by S. Estácio da Veiga in the area of the Early Iron Age necropolis of Cômoros da Portela (São Bartolomeu de Messines, Silves), the destruction of which seems to have coincided in time with the fieldwork of that researcher in Algarve, there is a bead of black appearing glass which does not fit within the known repertoire of Iron Age glass objects. Its technical, formal, and decorative characteristics seem on the contrary to place it within the group of the so-called *Trilobitenperlen*, which belong to the Late Roman period, in particular to the 4th century C.E. The presence of this element in the area of Cômoros da Portela raises the possibility that this site was the object of a hitherto undocumented reoccupation in a later period. The nature of this occupation cannot be ascertained, but a renewed funerary usage of the area in the Late Empire cannot be excluded.

1. As ocupações antigas de Cômoros da Portela (Silves): a introdução possível

Identificada pela primeira vez ainda durante o século XIX, graças aos pioneiros trabalhos de reconhecimento de S. Estácio da Veiga no Algarve, a necrópole de Cômoros da Portela (São Bartolomeu de Messines, Silves) (Fig. 1) permanece escassamente conhecida para lá das breves menções que mereceu por parte do autor das *Antiguidades Monumentais do Algarve*.

Com efeito, o erudito balsense ter-se-á deslocado ao sítio na sequência da notícia do achado de estelas com inscrições em Escrita do Sudoeste, tendo sido informado da existência de um número indeterminado de sepulturas, muito provavelmente cistas, ao que tudo indica já totalmente destruídas aquando da sua visita, bem como do achado de cerâmicas e de objetos de cobre ou bronze, que não teve já oportunidade de observar e cuja natureza, portanto, não pôde precisar (Veiga, 2005 [1891], pp. 285–286).

Em contrapartida, o próprio S. Estácio da Veiga realizaria, aquando da citada visita de reconhecimento, recolhas próprias na área da necrópole, assinalando a existência de «... lages de grés vermelho escuro com inscrições idênticas às (*sic*) da Fonte Velha» (Veiga, 2005 [1891], p. 259). Conhecem-se, com efeito, duas estelas com inscrições em Escrita do Sudoeste procedentes da necrópole (Correia, 1996, n.ºs 14 e 31; Untermann, 1997, pp. 226–230) (Fig. 2).

Aparte destes elementos epigráficos, o mesmo investigador pôde ainda recolher no terreno revolvido um pequeno conjunto de objetos de adorno de vidro, incluindo «...uma conta de vidro azul escuro guarnecida de folhagem de esmalte branco; uma conta de vidro preto, ornada de esmalte branco; outra lisa de vidro azul escuro, e ainda uma de vidro verde com esmalte orlado de branco...» (Veiga, 2005 [1891], p. 259), objetos esses que foram cuidadosamente ilustrados numa das estampas das suas *Antiguidades Monumentais* (Veiga, 2005 [1891], Est. XXVIII, n.º 8).

A tipologia e decoração destas peças, que contam na sua generalidade com bons paralelos no extenso conjunto da Fonte Velha de Bensafrim (Veiga, 2005 [1891], Est. XXVIII, n.ºs 1–7; Gomes, no prelo), são consistentes com a cro-



Fig. 1 – Localização da necrópole de Cômoros da Portela no atual território português (base cartográfica: Victor S. Gonçalves).

nologia da Idade do Ferro já sugerida pelo material epigráfico pré-romano recolhido no sítio.

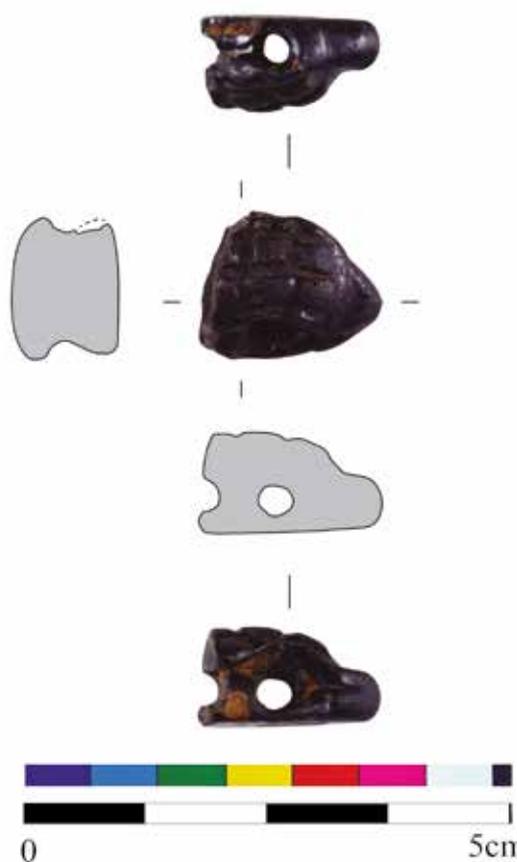
Contudo, um último elemento descrito e ilustrado por S. Estácio da Veiga e escassamente valorizado pela investigação posterior não parece contar com paralelos nos repertórios vítreos desse período. Com efeito, a referida peça, descrita como uma «...cabeça de serpente, de vidro preto, transversalmente atravessada por dois furos paralelos, cujas extremidades representavam os olhos e os ouvidos» (Veiga, 2005 [1891], p. 259 e Est. XXVIII, n.º 8) constituiu, desde o seu achado, um elemento de difícil enquadramento no horizonte cronológico sugerido pelo restante material.

A sua cronologia sidérica não foi, contudo, questionada pela investigação posterior — que, por sinal, votou uma atenção limitada ao conjunto funerário de Cômoros da Portela (v., contudo, Marques, 1992, pp. 121, 125; Arruda, 1999–2000, p. 58; 2007, p. 117; Parreira & Barros, 2007, p. 96; Correia, 1997),



Fig. 2 – Estelas epigráficas em Escrita do Sudoeste de Cômoros da Portela (seg. Correia 1996, adaptado).

Fig. 3 – *Trilobitenperle* de Cômoros da Portela.



por razões óbvias —, na medida em que não se conhecem evidências claras de ocupações de cronologia mais tardia no sítio. Os sítios com ocupações bem caracterizadas de Época Romana na freguesia de São Barto-

lomeu de Messines são, com efeito, relativamente escassos (cf. Marques, 1992, pp. 109–124, 131–133; Gomes, 2002: p. 103; Correia, 2005; Gomes, 2010; Graen & alii, 2010; Cabrita, 2014; Pereira, 2018, pp. 389–397; Albergaria, 2001), resumindo-se, na envolvente mais imediata dos Cômoros da Portela, ao sítio de Barradas de Messines, tentativamente interpretado como um pequeno acampamento militar de Época Imperial relacionado com o controlo das explorações mineiras de cobre da região (Graen & alii, 2010, pp. 743–744). No entanto, a observação direta deste peculiar elemento recolhido por S. Estácio da Veiga em Cômoros da Portela e atualmente depositado no Museu Nacional de Arqueologia permitiu confirmar o carácter *sui generis* do mesmo, que efetivamente não se enquadra no repertório dos adornos vítreos pré-romanos da região nem, de forma mais lata, do território peninsular.

A busca de paralelos para esta peça permitiu, pelo contrário, constatar a sua integração no grupo das chamadas *Trilobitenperlen* (Haevernick, 1974), de cronologia tardo-romana, como adiante se discutirá, o que levanta questões sobre a diacronia de uso e/ou frequentação da área de Cômoros da Portela. Antes de discutir essas questões, importaria contudo proceder à caracterização desta peça em si mesma, o que servirá por sua vez de suporte à discussão da sua integração tipológica e, por extensão, crono-cultural.

2. A conta de vidro negro de tipo *Trilobitenperle* de Cômoros da Portela: características, morfologia e classificação

A conta de Cômoros da Portela em apreço (Fig. 3) foi realizada em vidro de aparência negra, correspondente ao que tudo indica a vidro de tonalidade verde garrafa muito escura que, pelo seu grau de saturação cromática mas também pelas características técnicas e formais da peça, apresenta um aspeto negro e opaco quando observado a olho nu e com iluminação refletida (Cosyns, 2011, pp. 7–11).

Quanto à sua morfologia, esta peça apresenta um reverso plano e liso e um anverso convexo, decorado por impressão com um motivo reticulado, em xadrez, de aspeto algo tosco. Os seus contornos são irregulares (v., contudo, *infra*) e

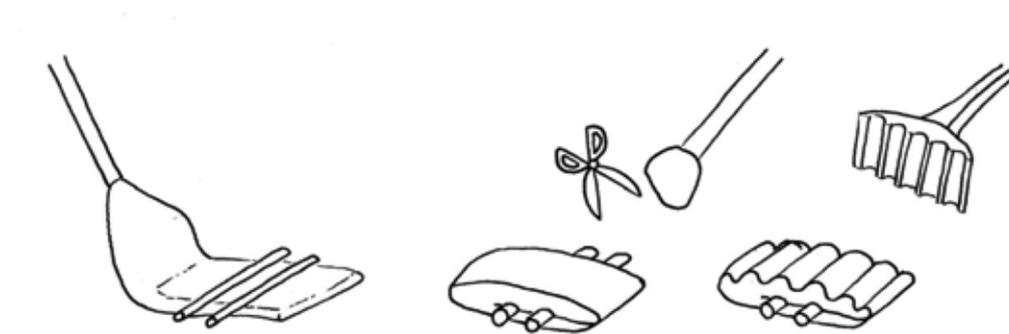


Fig. 4 – Processo de produção das *Trilobitenperlen* e outras contas “folded and pressed” (segundo Cosyns, 2011).

alongados, contando com duas perfurações transversais abertas nos seus lados mais longos. A conta apresenta-se infelizmente fraturada ao longo de uma destas perfurações, faltando-lhe portanto uma das extremidades. Assim, na atualidade o seu comprimento máximo é de 1,5 cm, a sua largura máxima é de 1,2 cm e a sua espessura máxima é de 0,85 cm.

Como ficou dito acima, pelas suas características formais e decorativas a conta em análise pode englobar-se sem demasiadas reservas no grupo das chamadas *Trilobitenperlen* (Haevernick, 1974), que adiante se discutirá em maior detalhe. Neste apartado importa contudo adiantar alguns detalhes relativos à técnica empregue na produção deste tipo de contas, que ajudarão a interpretar e clarificar certos aspetos formais observáveis no exemplar da necrópole silvense.

Com esse objetivo em mente, caberia primeiro recordar que as contas do tipo em apreço foram produzidas mediante dobragem e impressão (“folded and pressed”), seguindo um processo bem descrito e ilustrado em trabalho recente por P. Cosyns (2011, Fig. 16) (Fig. 4).

Esta técnica parte de uma porção de vidro semi-fundido depositada numa superfície plana, sobre a qual se colocam duas varetas metálicas; seguidamente, essa porção de vidro é dobrada sobre si mesma e sobre as referidas varetas, obtendo assim uma peça com a configuração desejada, permitindo as varetas, uma vez retiradas, obter a perfuração dupla característica deste tipo de contas (Cosyns, 2011, p. 29). O anverso da conta assim elaborada seria por sua vez decorado mediante impressão com uma matriz decorada, que poderia conter um padrão de nervuras transversais simples ou, como no caso vertente, um padrão reticulado ou axadrezado (Haevernick, 1974, p. 106; Cosyns, 2011, pp. 29–30).

A peça de Cômoros da Portela apresenta uma série de características que ilustram bem este processo produtivo. Desde logo, uma das laterais, mais bem conservada, ostenta uma depressão cujos contornos seguem *grosso modo* os da secção longitudinal da peça e que parece corresponder de forma clara à sutura resultante da dobragem da porção de vidro primigénia e da posterior fusão das duas camadas de vidro assim obtidas. A configuração desta sutura, que se interrompe antes de alcançar a extremidade preservada da conta, parece indicar que essa extremidade terá correspondido precisamente ao ponto de dobragem.

Por outro lado, a forma como o vidro empregue na produção deste exemplar foi manipulado e dobrado resultou na formação de dois “registos” claramente diferenciáveis, cujos contornos não coincidem de forma exata. Assim, o “registro” superior, correspondente ao anverso, apresenta a típica configuração sub-quadrangular com ângulos arredondados típica das contas de tipo *Trilobitenperle*, ao passo que o “registro” inferior, correspondente ao reverso, apresenta uma configuração mais irregular. Nota-se em particular a existência de uma protuberância de configuração *grosso modo* triangular que, numa vista frontal do anverso, sobressai marcadamente com respeito à área quadrangular decorada do “registro” superior. Note-se, por sinal, que terá sido esta particularidade, resultante do processo produtivo e não de uma qualquer intencionalidade iconográfica e figurativa, a induzir S. Estácio da Veiga em erro, levando-o a interpretar a peça em apreço como um amuleto zoomórfico, representando concretamente a cabeça de um ofídio (Veiga, 2005 [1891], p. 259).

Uma observação atenta desta conta permite no entanto afirmar que a mesma não corresponde a um qualquer tipo de elemento figu-

rativo, mas antes a um exemplar — talvez formalmente menos bem conseguido — de *Trilobitenperle* dotado, como é habitual neste tipo, de uma decoração de tipo geométrico. Neste caso, o motivo patente no anverso da conta permite enquadrá-la de forma clara na variante com decoração axadrezada (“*kariert gerippt*”) definida por T. Haevernick (1974, p. 106), muito bem representada no inventário das peças deste tipo.

Assim, as características morfológicas, técnicas e decorativas da conta de Cômoros da Portela aqui analisada permitem confirmar, sem grande lugar a dúvidas, a sua integração no grupo das chamadas *Trilobitenperlen*. Importa portanto dedicar nas próximas páginas algumas considerações a este tipo de elementos de adorno de cronologia tardo-romana, antes de abordar a questão do significado da presença de uma peça deste tipo no conjunto dos materiais recolhidos por S. Estácio da Veiga na área de Cômoros da Portela.

3. As contas de tipo *Trilobitenperle*: contexto cronológico, cultural e funcional

Embora previamente identificadas no contexto de outros trabalhos de âmbito mais geral, nomeadamente nos de R. Noll, que as designa como *Rippenglasperlen* (Noll, 1958–1959, *apud* Haevernick, 1974, p. 105), o primeiro trabalho de fundo que permitiu individualizar e caracterizar as peças do tipo que aqui nos ocupa deve-se a T. Haevernick, que num trabalho monográfico datado de 1974 produz pela primeira vez uma análise detalhada, um inventário e uma carta de dispersão das contas que rebatiza, de forma imaginativa, como *Trilobitenperlen* (Haevernick, 1974).

Posteriormente, as contas deste tipo foram novamente recolhidas em tipologias de âmbito mais geral, tendo nomeadamente sido englobadas no Tipo 11.27 estabelecido por E. Riha para o material de Augst e Kaiseraugst, na Suíça (Riha, 1990, p. 91), e no Tipo XIII.A definido no contexto do estudo das coleções do Museu Arqueológico Nacional de Aquileia, na Itália (Mandrizzato, 2008). Este tipo foi também recolhido no estudo das coleções de contas vítreas do Museu do Louvre (Arveiller-Dulong & Nenna, 2011, pp. 40–50) e do Museu de Israel (Spaer, 2001, p. 76). Quanto à investigação

nacional, caberia notar que M. da Cruz recolhe também este tipo de contas no seu manual de formas do vidro romano no Noroeste peninsular, designando-as como “contas quadrangulares de dois furos” (Cruz, 2009a, Vol. II, p. 271). Apesar disso, as contas de tipo *Trilobitenperle* só voltariam a ser objeto de atenção aprofundada num trabalho mais recente de P. Cosyns sobre o vidro de aparência negra de época imperial (Cosyns, 2011, pp. 28–30, 113–114, 157–158).

De qualquer modo, a análise monográfica realizada por T. Haevernick, complementada pelo referido trabalho de P. Cosyns, permite observar que estas contas foram exclusivamente produzidas em vidro de aparência negra, possivelmente imitando modelos em azeviche (Allason-Jones, 1996). Por outro lado, os referidos trabalhos permitem também delimitar de forma relativamente segura a cronologia e geografia de distribuição destas contas.

No que toca à primeira destas questões, T. Haevernick assinala que a esmagadora maioria das contas do tipo em apreço se enquadram em cronologias do século IV d.C., embora assinala uma possível origem ainda no século III e algumas hipotéticas sobrevivências (ou reutilizações) que poderiam alcançar o século VIII d.C. (Haevernick, 1974, pp. 110–111). Esta proposta cronológica tem sido globalmente secundada pela investigação posterior (Arveiller-Dulong & Nenna, 2011, pp. 40–50; Cosyns, 2011, Table 94; Alonso & Maldonado, 2018, p. 422 e Fig. 3).

Por outro lado, e no que diz respeito à sua difusão espacial, as contas de tipo *Trilobitenperle* apresentam uma distribuição eminentemente centrada na Europa Central e Centro-Oriental, com uma particular concentração na Nórica e na Panónia (Haevernick, 1974, p. 112; Cosyns, 2011, pp. 255–256).

Apesar disso, não faltam também exemplos noutras regiões do Império Romano, incluindo nas províncias hispânicas (Fig. 5). T. Haevernick inventaria com efeito exemplares procedentes de *Baelo Claudia* (Bolonha, Cádiz), de *Italica* (Santiponce, Sevilha), de Torredonjimeno (Jaén) e da Alcudia de Elche (Elche, Alicante) (Haevernick, 1974, p. 114), a que P. Cosyns (2011, Table 128) acrescenta exemplares adicionais de Conímbriga (Condeixa-a-Velha), de *Augusta Emerita* (Mérida, Badajoz) (Alonso & Maldonado, 2018, pp. 421–422) e de More-

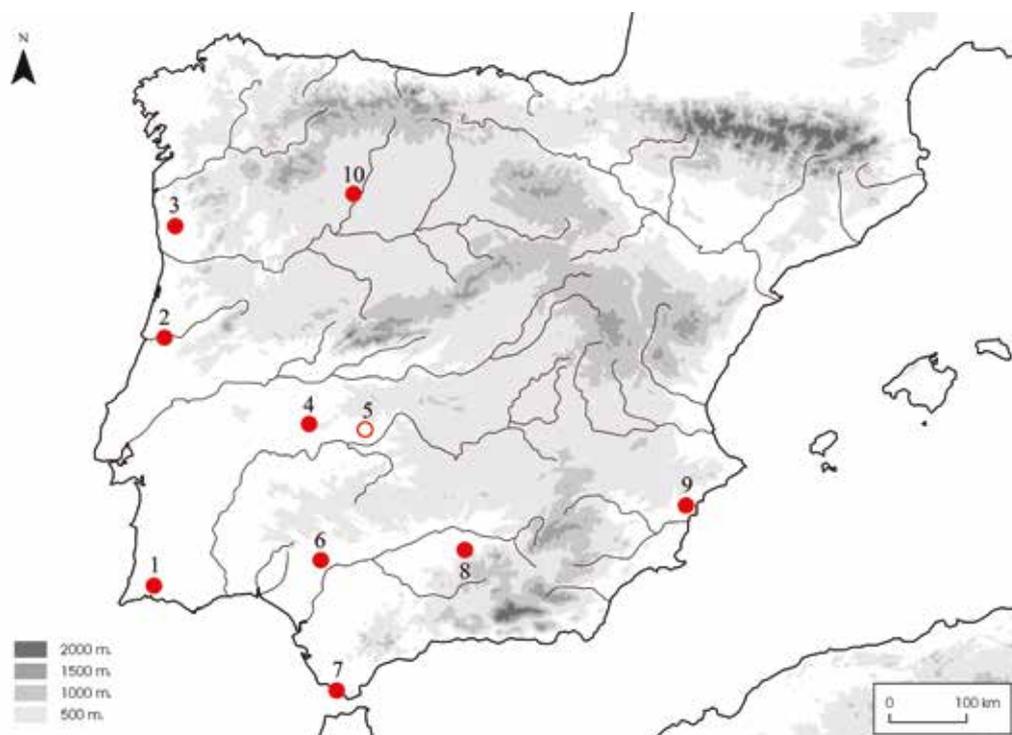


Fig. 5 – Distribuição das *Trilobitenperlen* na Península Ibérica (base cartográfica: Trabajos de Prehistoria – CSIC): 1 – Cômoros da Portela (Silves); 2 – Conímbriga (Condeixa-a-Velha); 3 – Braga; 4 – Mérida; 5 – Vale Médio do Guadiana (proveniência exata desconhecida); 6 – Italica (Santiponce, Sevilha); 7 – Baelo Claudia (Bolina, Cádiz); 8 – Torredonjimeno (Jáen); 9 – Alcudia de Elche (Elche, Alicante); 10 – Moreueta de Tablas (Zamora).

ruela de Tablas (Zamora). A este elenco haveria acrescentar os exemplares de *Bracara Augusta* (Braga), estudados por M. da Cruz (2009b, pp. 9–10 e Fig. 3, 3.1.1 a 3.1.5; Cruz 2009a, Vol. II, p. 271), e dois exemplares do Guadiana Médio, infelizmente de proveniência incerta, publicados por Alonso & Maldonado (2018, p. 422).

A relação destas peças ocidentais com os conjuntos, mais frequentes e numerosos, da Europa Central e Centro-Oriental não parece totalmente esclarecida. T. Haevernick (1974, p. 111) considerou que estas contas correspondiam a uma produção específica da Panónia, o que converteria as peças procedentes de outras regiões do Império em importações, resultantes de um comércio a longa distância ou, no mínimo, de uma circulação de indivíduos portadores deste tipo de elementos. Esta hipótese foi também defendida por outros autores, que propuseram uma origem em centros exportadores concretos para este tipo de contas (Magyar, 2007, p. 102).

A análise global das dinâmicas de produção e consumo do vidro de aparência negra empreendida por P. Cosyns parece no entanto permitir matizar esta imagem, sugerindo pelo contrário uma organização produtiva assente numa progressiva autonomização de centros

produtores secundários ao longo do período imperial, nos quais se reproduzem modelos mais ou menos transversais empregando soluções técnicas e produtivas variáveis (Cosyns, 2011).

No caso concreto do Extremo Ocidente, a identificação de um provável centro produtor secundário de joalheria de vidro negro na Quinta do Fajal, em Braga (Cruz, 2009b; 2009a, p. 236), no qual se recolheram, entre outros elementos, diversas *Trilobitenperlen* (Cruz, 2009b; 2009a, pp. 9–10 e Fig. 3, 3.1.1 a 3.1.5), permite com efeito pensar na existência de produções regionais hispânicas que imitam um modelo de elemento de adorno relativamente difundido por todo o Império.

Finalmente, caberia tecer alguns comentários aos eventuais usos das contas do tipo em apreço. Devido à presença da dupla perfuração que lhes é característica, estas peças foram ocasionalmente consideradas como espaçadores utilizados em colares complexos, com várias fiadas de contas (Gesztelyi, 1998; Spaer, 2001, p. 76).

Recordando contudo que muitas das peças recolhidas em contextos primários não se encontravam associadas a outras contas de colar, P. Cosyns propôs que a presença de per-

furações duplas nestas peças se poderá prender com o facto de as mesmas não serem simétricas, apresentando apenas uma face decorada, o que implica a necessidade de as manter numa posição estável em que essa face seja visível; assim sendo, o facto de estas contas estarem pensadas para serem ensartadas em dois fios ou duas voltas do mesmo fio poderia resultar da necessidade de impedir as mesmas de girarem sobre si mesmas (Cosyns, 2011, pp. 285–286).

Quanto ao tipo de elementos que integrariam, nos casos em que foi possível recolher conjuntos de contas deste tipo em contextos primários bem preservados observou-se que o número de peças que continham era habitualmente reduzido, somando entre seis e doze exemplares, que se puderam interpretar como parte de pulseiras ou braceletes (Cosyns, 2011, p. 114; Gesztelyi, 1998; Magyar, 2007). Mais raras são as ocorrências de conjuntos mais extensos, como o de Isny (Baden-Württemberg, Alemanha), formado por 31 contas do tipo em apreço e interpretado como um colar (Garbsch & Kos, 1988, p. 34). O uso específico das contas achadas de forma isolada é, por outro lado, mais difícil de explicitar, podendo corresponder a qualquer das duas situações.

Porventura os achados mais expressivos de contas do tipo *Trilobitenperle* procedem, como seria de esperar, de contextos funerários (Cosyns, 2011, Table 94), embora também se tenham identificado conjuntos importantes integrados em tesouros e/ou relacionados com eventuais contextos rituais (Cosyns, 2011, p. 207 e Table 107). As associações contextuais dos exemplares recolhidos nesse tipo de contextos funcionais parece por outro lado indicar que as contas do tipo em apreço estariam diretamente vinculadas à indumentária e ao adorno feminino e, eventualmente, infantil (Cosyns, 2011, p. 287).

Em face do exposto, pode afirmar-se que estes objetos de adorno constituem elementos característicos de ambientes tardo-romanos, concretamente do século IV a.n.e, que respondem a modelos provavelmente oriundos da Europa Central e Centro-Oriental mas que poderão ter sido reproduzidos em *ateliers* de outras regiões, nomeadamente da *Gallaecia* (Cruz, 2009b), e que integrariam a indumentária feminina e porventura infantil.

4. Os possíveis significados da *Trilobitenperle* de Cômoros da Portela

Os dados expostos no apartado anterior permitem enquadrar de forma bastante expressiva a peça de Cômoros da Portela aqui apresentada. No entanto, esses mesmos dados abrem novas questões difíceis de responder com os dados atualmente disponíveis. Entre essas questões, destaca-se naturalmente o evidente desfasamento cronológico entre a (apesar de tudo) bem demonstrada ocupação da I Idade do Ferro do sítio e a peça aqui analisada que pode, com critérios relativamente seguros, atribuir-se já ao período romano baixo-imperial. Existem diversas possibilidades para explicar o referido desfasamento. A *Trilobitenperle* de Cômoros da Portela poderia naturalmente considerar-se um achado resultante de uma perda isolada, sem significado de maior no que à sequência de ocupação do sítio diz respeito. No entanto, é também possível que esta peça constitua o (de momento) único testemunho que nos chegou de uma ocupação do sítio durante o Baixo Império.

Infelizmente, não dispomos de dados para precisar a natureza dessa hipotética ocupação, que poderia ter respondido a distintas funções e fórmulas de ocupação do espaço. Não pode contudo deixar de se assinalar a possibilidade de que, à semelhança do ocorrido durante a Idade do Ferro, esta ocupação se tenha revestido de uma natureza funerária.

A implantação de necrópoles romanas na área de antigos conjuntos funerários sidéricos há muito abandonados, apesar de não ser de nenhum modo habitual, não é contudo desconhecida no entorno regional mais próximo. Pode, com efeito, recordar-se o exemplo da Fonte Velha de Bensafrim, em Lagos, onde a uma necrópole da I Idade do Ferro (Correia, 1995–1997) se sobrepôs um outro conjunto funerário alto-imperial (Pereira, 2018, pp. 414–429), ou ainda o caso geograficamente mais próximo de Vale da Águia, na própria freguesia de São Bartolomeu de Messines, onde parecem conviver evidências de uma putativa necrópole da I Idade do Ferro (Gomes & Cabrita, 2006–2007) e de sepulturas atribuídas a uma cronologia tardo-romana (Gomes, 2010, p. 382).

É certo que, além da conta de colar que aqui nos ocupa, não dispomos de quaisquer outras

evidências claras que possam reportar-se a um uso funerário ou, mais latamente, a um qualquer uso estruturado da área de Cômoros da Portela durante o Baixo Império. Tal facto poderá contudo resultar do avançado estado de destruição em que o sítio se encontrava quando foi objeto de reconhecimento por S. Estácio da Veiga.

Por outro lado, o mesmo autor indica expressamente que a parte mais significativa do material descoberto no local, nomeadamente os materiais cerâmicos e metálicos, havia já desaparecido aquando da sua visita (Veiga, 2005 [1891], pp. 285–286). Entre esse material bem poderiam contar-se outros elementos de cronologia tardia, baixo-imperial, passíveis de enquadrar e contextualizar a conta aqui estudada.

Considerando além disso a tendência para a diminuição do número de objetos depositados nas sepulturas durante o período tardo-romano noutras necrópoles algarvias (Pereira, 2018), não parece inverosímil que após a dispersão das peças inicialmente descobertas aquando da destruição da necrópole pouco ou nada tenha restado dos eventuais espólios tardo-romanos que possam hipoteticamente ter existido.

A um outro nível, o das arquiteturas funerárias, deve recordar-se que os dados relativos a outras necrópoles tardo-romanas da área de São Bartolomeu de Messines, como a da Ribeira de Arade (Salvador & Pereira, 2006; Gomes, 2010, p. 382) e as de Bica Alta e de Vale dos Corgos (Gomes, 2010) indiciam a presença de arquiteturas funerárias simples, com sepulturas formadas por lajes pétreas, em sintonia com o panorama mais lato documentado para outros conjuntos funerários do mesmo período do território algarvio (Pereira, 2018).

Esta solução arquitetónica apresenta certas similitudes com as estruturas sepulcrais caracte-

rísticas da Idade do Ferro regional (Correia, 1995–1997; 1997; Parreira & Barros, 2007), onde predominam as cistas líficas de estrutura não muito dissimilar à das sepulturas de cronologia baixo-imperial. É portanto igualmente plausível que, a terem existido restos de sepulturas tardias do mesmo tipo na área de Cômoros da Portela, os mesmos tenham passado despercebidos aquando do reconhecimento realizado por S. Estácio da Veiga, confundindo-se devido ao avançado estado de destruição da necrópole com os putativos vestígios da necrópole pré-romana.

Assim, e ainda que não disponhamos de qualquer evidência clara e direta da existência de contextos funerários tardo-romanos na área de Cômoros da Portela, a sua presença parece pelo menos verosímil, o que permitiria de alguma forma contextualizar a peça aqui analisada que, como boa parte das suas congéneres centro-europeias, procederia nesse cenário de um contexto funerário, acompanhando possivelmente um enterramento feminino ou infantil, pelas razões já indicadas. Esta hipótese deve no entanto encarar-se como uma mera conjectura, atualmente impossível de confirmar. Infelizmente, com a escassa informação disponível sobre as ocupações antigas de Cômoros da Portela, pouco mais é o que se pode dizer sobre o contexto e significado da *Trilobitenperle* ali recolhida por S. Estácio da Veiga. Ainda assim, e apesar de todas as interrogações que subsistem, caberia ressaltar que o estudo desta peça aqui realizado permite pelo menos acrescentar um novo ponto no mapa de distribuição destes característicos elementos de adorno, constituindo portanto uma nova achega para o conhecimento dos pequenos objetos de vidro tardo-romanos no Sul de Portugal, ainda tão escassamente caracterizados.

Bibliografia citada

- ALBERGARIA, João (2001) – Contributo para um modelo de estudo de impacte patrimonial: o exemplo da A2 (Lanço Almodôvar/VLA). *Era Arqueologia*. 4, pp. 84–101.
- ALLASON-JONES, Lindsay (1996) – *Roman jet in the Yorkshire Museum*. York: Yorkshire Museum.
- ALONSO, Javier; MALDONADO, Sara (2018) – Joyas de vidrio de época romana procedentes de *Augusta Emerita* y su territorio. In MELRO, Samuel; CORREIA, Susana, eds. – *Atas do VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Serpa: Câmara Municipal, pp. 407–432.
- ARRUDA, Ana Margarida (1999–2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII–VI a.C.)*. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra.
- ARVEILLER-DULONG, Véronique; NENNA, Dominique (2011) – *Les verres antiques du musée du Louvre. Tome 3, parures, instruments et éléments d'incrustation*. Paris: Musée du Louvre.
- CABRITA, Luís Miguel (2014) – *Povoamento alto medieval de São Bartolomeu de Messines*. São Bartolomeu de Messines: Freguesia de São Bartolomeu de Messines.
- CORREIA, Jorge Estêvão (2005) – *Levantamento arqueológico da Freguesia de São Bartolomeu de Messines*. Silves: Câmara Municipal.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1995–1997) – A epigrafia pré-latina de Bensafrim. *O Arqueólogo Português*. Série IV. 13–15, pp. 181–209.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1996) – *A epigrafia da Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica*. Porto: Etnos.
- CORREIA, Virgílio Hipólito (1997) – As necrópoles algarvias da Idade do Ferro e a Escrita do Sudoeste. In BARATA, Filomena; PARREIRA, Rui, eds. – *Noventa séculos entre a Serra e o Mar*. Lisboa: IPPAR, pp. 265–279.
- COSYNS, Peter (2011) – *The production, distribution and consumption of black glass in the Roman Empire during the 1st – 5th century AD. An archaeological, archaeometric and historical approach*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Livre de Amsterdão. Inédita.
- CRUZ, Mário da (2009a) – *O vidro romano no Noroeste Peninsular. Um olhar a partir de Bracara Augusta*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho. 3 volumes. Inédita.
- CRUZ, Mário da (2009b) – Black glass jewellery from *Bracara Augusta*. In JANSSENS, Koen; DEGRYSE, Patrick; COSYNS, Peter; CAEN, Joost; VAN'T DACK, Luc, eds. – *Annales du 17^e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre*. Antwerp: University Press Antwerp.
- GARBSCH, Jochen; KOS, Peter (1988) – *Das spätrömische Kastell Vermania bei Isny. I. Zwei Schatzfunde des frühen 4. Jahrhunderts*. München: Beck.
- GESZTELYI, Tamás (1998) – Spätrömische Glaskameen mit zwei Kanälen. *Acta Antiqua Academiae Scientiarum Hungaricae*. 38, pp. 129–136.
- GOMES, Francisco B. (no prelo) – O conjunto vítreo da necrópole da Idade do Ferro da Fonte Velha de Bensafrim (Lagos). *Ophiussa*. Lisboa. 4.
- GOMES, Mário Varela (2010) – Testemunhos de duas necrópoles tardo-romanas de S. Bartolomeu de Messines, Silves (Vale dos Corgos e Bica Alta). *Xelb*. 10, pp. 373–384.
- GOMES, Mário Varela; CABRITA, Luís Miguel (2006–2007) – Inscrição, na escrita do Sudoeste, do Vale de Águia. São Bartolomeu de Messines, Silves. *Arqueologia & História*. 58–59, pp. 79–82.
- GOMES, Rosa Varela (2002) – *Silves (Xelb), uma cidade do Gharb Al-Andalus: território e cultura*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- GRAEN, Dennis; CORREIA, Jorge; RIND, Mareike; WABERSICH, Henning (2010) – Roman rural settlements in the Algarve hinterland: results of the first fieldworks around S. Bartolomeu de Messines in 2009. *Xelb*. 10, pp. 735–746.
- HAEVERNICK, Thea (1974) – Trilobitenperlen. *Folia Archeologica*. 25, pp. 105–129.
- MAGYAR, Zsolt (2007) – Trilobitenperlen from Dunaszekcső (Hungary). *Janus Pannonius Múzeum Évkönyve*. 50–52, pp. 100–104.
- MANDRUZZATO, Luciana, ed. (2008) – *Vetri antichi del Museo Archeologico Nazionale di Aquileia. Ornamenti e oggettistica di età romana, vetro pre- e post-romano*. Venezia: Association Internationale pour l'Histoire du Verre.
- MARQUES, Teresa, ed. (1992) – *Carta Arqueológica de Portugal. Concelhos de Portimão, Lagos, Silves, Albufeira, Loulé e São Brás de Alportel*. Lisboa: IPPAR.
- NOLL, Rudolf (1958–1959) – *Das römerzeitliche Gräberfeld von Salurn. Ein Beispiel für den konservativen Charakter der Kultur im Alpenraum*. Bregenz: Vorarlberger Landesmuseumsverein.
- PARREIRA, Rui; BARROS, Pedro (2007) – Necrópoles do Algarve no 2.º e 1.º milénio a.n.e. *Xelb*. 7, pp. 89–102.

PEREIRA, Carlos (2018) – *As necrópole romanas do Algarve: acerca dos espaços da morte no extremo sul da Lusitânia*. Lisboa: INCM.

RIHA, Emilie (1990) – *Der römische Schmuck aus Augst und Kaiseraugst*. Augst: Amt für Museen und Archäologie des Kantons Basel-Landschaft.

SALVADOR MATEOS, Rosa; PEREIRA, José António (2006) – Sepultura 1 de Ribeira de Arade. Cista tardo-romana. *Xelb*. 6:2, pp. 75–86.

SPAER, Maud (2001) – *Ancient glass in the Israel Museum: beads and other small objects*. Jerusalem: Israel Museum.

UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum, IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

VEIGA, Sebastião Phillippes Martins Estácio da (2005 [1891]) – *Antiguidades Monumentaes do Algarve*. Volume 4. Faro: Universidade do Algarve.